

#cm

2

FIM DE SEMANA

COM A CARA DO BRASIL

Lenine volta aos palcos neste sábado com “Eita”, o álbum que o trouxe de volta aos estúdios após dez anos. O cantor e compositor apresenta, no palco do Vivo Rio, as 11 faixas inéditas de um trabalho que reafirma os vínculos do artista com sua terra natal, Pernambuco, e com o Nordeste como um todo. Página 2

Vínculo visceral com o Nordeste

Lenine traz ao Rio espetáculo da turnê de 'Eita, um álbum que reafirma origens e compromisso com o se nordestino

AFFONSO NUNES

E dez anos se passaram desde que Lenine entrou em um estúdio para gravar um disco inédito. O retorno acontece agora com "Eita", nono álbum de estúdio do artista pernambucano, lançado em novembro de 2025 e acompanhado de um audiovisual em média-metragem no YouTube. O projeto marca uma fase em que o artista assume o controle total do processo criativo, da concepção à finalização, reafirmando seu vínculo visceral com o Nordeste.

Expressão popular que transita entre o espanto, o encanto e a celebração, "Eita" sintetiza o espírito de uma obra que o próprio Lenine define como seu trabalho mais pessoal. "Empoderei-me de todos os meios, todos os caminhos, todas as etapas", pontua o artista, que assina direção artística ao lado da produção musical do filho Bruno Giorgi. Essa autonomia criativa se reflete em cada faixa e nas demais etapas da produção, dos arranjos à concepção visual, passando pela direção do audiovisual realizada em parceria com Kabé Pinheiro e Laís Branco.

As onze faixas inéditas de "Eita" remetem à sonoridade única de Lenine, algo que conhecemos desde o seminal "Olho de Peixe" (1993), quando a canção "Leão do Norte" (parceria com Paulo César Pinheiro) catapultou sua carreira. Desde então Lenine imprimiu à MPB uma assinatura sonora só sua, construída sobre um violão polifônico capaz de entregar elementos harmônicos, melódicos, contrapontos e percussivos, o diálogo permanente com a poesia concreta e a incorporação de recursos tecnológicos. O álbum pensa o Brasil em suas diversas camadas.

Na faixa de abertura, "Confia em Mim" (Lenine e Dudu Falcão), canta que "o sonho é o mar mais perigoso para quem não quis acordar". Na faixa-título avisa que "O fato é que afeto é a receita / que pode transformar nossa conduta". E "eita", a palavra de ordem é entoada por alguns nordestinos ilustres como a maranhense Alcione, o alagoano Djavan, a baiana Ivete Sangalo e o pernambucano Luis Inácio Lula da Silva.

Lenine aprecia parcerias e gosta de se cercar de jovens compositores. Aqui nomes como Carlos Posada e Gabriel Ventura lhe entregam letras que dividem espaço com parceiros mais



frequentes em sua discografia como João Cavalcanti), onde se ouve que "no dilúvio bem-vindo da humanidade / o amor é uma espécie de vacina". Maria Gadú faz duo com Lenine em "O Rumo do Fogo" (parceria com Lula

Queiroga), um maracatu arretado. O conterrâneo Siba está em "Malassombro" (Lenine e Siba), Gabriel Ventura em "Beira" (Lenine e Gabriel Ventura) e o Terreiro Xambá, com a família Bongar, traz seus toques, loas e danças para a faixa "Boi Xambá".

O audiovisual que acompanha o álbum conduz o espectador por uma experiência sensorial que atravessa Recife, Rio de Janeiro e São Paulo, misturando paisagens reais e imaginadas numa organização de imagens que se relaciona diretamente com as letras do álbum. A dimensão visual do projeto

ganha corpo desde a capa, assinada pela artista pernambucana Luiza Morgado. Concebida em linogravura e fotografada por Flora Pimentel, a obra traduz o universo afetivo do disco. "Fui criando um banco de imagens mentais. Aos poucos, percebi que o fio que unia tudo era o afeto. O álbum é uma casa, muito nordestino, muito pernambucano, mas também muito íntimo", conta Luiza.

A produção musical de "Eita" contou com arranjos de Carlos Malta, Henrique Albino e Martin Fondse, além de participações instrumentais que vão de Mestrinho na sanfona a Marcos Suzano nos pandeiros, passando por Alberto Continentino no contrabaixo acústico. O álbum se fecha com "Motivo", parceria com Carlos Posada, que funciona como uma declaração de princípios: "por A B / a pessoa sem palavra / pode estar cheia de prata / que não vale um tostão".

Neste sábado, Lenine leva a turnê "EITA" ao Vivo Rio, com apresentação a partir das 21h. No palco, estará acompanhado por Pantico Rocha na bateria, Bruno Giorgi no baixo, Gabriel Ventura na guitarra, Henrique Albino nos sopros e Negadeza na percussão. O repertório inclui as 11 faixas do novo audiovisual além de sucessos que marcaram sua trajetória de três décadas.

SERVIÇO

LENINE — EITA

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo)

20/6, às 21h

Ingressos a partir de R\$ 160 e R\$ 80 (meia)



Divulgação

Robertinho Silva, Nivaldo Ornellas, Luiz Alves e Wagner Tiso revivem a complexa sonoridade do Som Imaginário

AFFONSO NUNES

Referência da música instrumental brasileira nos anos 1970, Som Imaginário se apresenta neste sábado (20) no Blue Note Rio, em Copacabana. A procura foi tanta que a casa oferecerá duas sessões: às 20h e às 22h30.

A história começa em 1969, quando o tecladista Wagner Tiso, Frederyko (guitarra) e Zé Rodrix (teclados e voz) — todos ligados ao Clube da Esquina, o coletivo criativo que orbitava em torno de Milton Nascimento em Belo Horizonte — decidiram formar um grupo de acompanhamento. Como o Clube da Esquina era o carro-chefe da gravadora Odeon, seus executivos diziam que os mineiros poderiam gravar qualquer coisa que quisessem.

Foi a senha para Wagner Tiso agrupar a banda num projeto solo que receberia o reforço de uma cozinha de peso formada por Robertinho Silva (bateria) e Luiz Alves (contrabaixo). O resultado foi um disco que misturava rock progressivo, jazz, psicodelia e música brasileira de forma que nenhuma banda havia tentado antes no país.

Sonoridade selvagem

Aquele Som Imaginário de 1970 era selvagem. O álbum homônimo de estreia é uma mescla de influências e sonoridades que passavam pela psicodelia hippie, rock progressivo, futurismo, alguns ecos de latinidade e atmosfera delirante, um som imaginário (literalmente) com DNA

Ousadia sonora é com o Som Imaginário

Com formação renovada, grupo que criou uma linguagem brasileira para o rock progressivo se apresenta neste sábado no Blue Note Rio



Reprodução

O Som Imaginário nos anos 1970: com um pé na psicodelia e outro na brasilidade, o grupo tornou-se uma lenda da nossa música instrumental

próprio: complexo e libertário.

O disco abria com “Morse”, uma composição de Wagner Tiso, Tavito e Zé Rodrix que durava quase quatro minutos de teclados sintetizados e guitarra distorcida. A faixa energética é marcante por sua percussão bem trabalhada e pelos riffs que evocam o pedido de socorro do código Morse. Certamente, um recado cifrado num Brasil ainda sob o peso da censura imposta pela ditadura militar.

Nos anos seguintes, a banda gravou mais dois álbuns: “Som Imaginário” (1971) e “Matança do Porco” (1973), este último considerado um pico de criatividade, com estruturas complexas e improvisações que beiravam o descontrole.

Robertinho Silva permaneceu na banda até 1974. Luiz Alves seguiu até o final, em 1976. Wagner Tiso continuou como maestro e compositor. Zé Rodrix saiu após o primeiro álbum. Frederyko e Tavito completavam a formação em diferentes períodos. Depois disso, o Som Imaginário desapareceu por décadas — até 2012, quando começou a fazer apresentações esporádicas com alguns músicos convidados.

Agora, em 2026, a banda retorna com uma formação que mistura história e presente. Wagner Tiso é o fio condutor. Robertinho Silva, que trabalhou com Milton Nascimento desde 1969 e se tornou um dos bateristas mais procurados do Brasil, volta ao instrumento que tocava naquele Som Imaginário original. Luiz Alves, que se consolidou como referência do contrabaixo brasileiro, sustenta a base. E Nivaldo Ornellas, saxofonista e flautista que trabalhou com nomes como Gilberto Gil e Tom Jobim, adiciona novos ares (literalmente falando).

O repertório vai percorrer as composições marcantes daquele período — “Morse”, “Super-God”, um aceno à latinidade em crítica ao medelo fordista de produção; “Tema dos Deuses”, da Da trilha do filme Os Deuses e os Mortos, de Ruy Guerra — mas também deixa espaço para improvisação, que sempre foi a marca registrada do grupo. O Som Imaginário foi um dos poucos grupos brasileiros que conseguiu fazer rock progressivo sem soar como cópia de banda europeia. Eles tinham raízes no samba, na bossa nova, na música clássica. Tocavam com a liberdade num país censurado. Complexos e libertários, faziam de sua música um legítimo ato de resistência.

SERVIÇO**WAGNER TISO E SOM IMAGINÁRIO**

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)
20/6, às 20h e 22h30
Ingressos a partir de R\$ 60

Influência boa se assume (com gosto)

Moyseis Marques retorna ao Tival Petrobras com show inteiramente dedicado à obra de Chico Buarque, aniversariante da semana

Elena Moccagatta/Divulgação



Fã e ídolo: Moyseis Marques retoma neste sábado o espetáculo em que passeia pela obra de Chico Buarque

AFFONSO NUNES

Moyseis Marques sobe ao palco do Teatro Rival Petrobras neste sábado (20), às 19h30, com um show que já se tornou constante em sua trajetória artística. Trata-se de “Moyseis Marques Canta Chico Buarque”. É a confirmação daquilo que o escritor e biógrafo Ruy Castro vaticinou certa vez quando afirmou que não qualquer pecado em ser influenciado quando as influências são as melhores.

“Chico é um dos meus super-heróis. Ele é um cara muito completo, que transita com muita naturalidade por gêneros como samba, valsa, xote, toada, balada. É um material muito rico para ser explorado por quem se interessa por música brasileira”

A intimidade entre o cantor mineiro, criado na Vila da Penha, e a obra de Chico Buarque não é recente. Ela começou a ganhar contornos mais nítidos quando Moyseis viveu o personagem Max

Overseas — o ladino contrabandista da “Ópera do Malandro”, uma versão abrazeirada que Chico concebeu para a “Ópera dos Três Vinténs”, de Bertold Brecht —, no musical que marcou sua traje-

tória como ator. Desde então, essa relação se aprofundou através de participações em projetos audiovisuais, encontros memoráveis e este espetáculo dedicado integralmente ao palco à obra do compositor.

Além de ter interpretado Max Overseas, Moyseis participou do documentário “Chico, um artista brasileiro”, dirigido por Miguel Faria Júnior, e vivenciou momentos raros de encontro direto com o compositor. Um desses momentos ocorreu no saudoso Semente, bar emblemático da Lapa que funcionava como ponto de encontro de músicos cariocas. Numa noite, Chico surgiu em meio a plateia para cantar com Moyseis “Aquele Mulher”, da trilha de “Ópera do Malandro”, e “Injuriado”, do álbum “As Cidades” (2006).

“Chico é um dos meus super-heróis. Ele é um cara muito completo, que transita com muita naturalidade por gêneros como samba, valsa, xote, toada, balada. É um material muito rico para ser explorado por quem se interessa por música brasileira”, disse Moyseis em entrevista quando lançou o projeto, há oito anos.

A conexão se intensificou ainda mais quando Moyseis gravou “Subúrbio”, canção que Chico havia registrado originalmente em seu álbum “Carioca” (2016). Moyseis incluiu sua versão no CD/DVD “Passatempo”, e posteriormente convidou Chico para gravar a música em dueto — convite prontamente aceito pelo compositor. Essa colaboração marca um ponto de inflexão: não se trata apenas de um intérprete que canta a obra de outro, mas de uma conversa musical entre dois artistas que compartilham sensibilidade e propósito.

A influência entre artistas pode ser inconsciente e a semelhança não tem a ver com o gênero de música que eles cantam, mas com certo jeito de cantar ou uma sonoridade em comum. Moyseis não imita Chico — procura sentir a essência de sua obra e com ela dialoga, reinterpretando-a sob o filtro de sua própria voz e sensibilidade.

Neste espetáculo Moyseis terá a companhia João Bittencourt (piano e acordeom), Luis Louchard (contrabaixo) e Gabriel Guenther (bateria). O repertório transita por diferentes gêneros que compõem a obra de Chico — sambas, baiões, xotes, canções, valsas e até um blues. Entre as composições que integram a apresentação estão “Paratodos” (que Moyseis incorporou a seus shows de forró), “Biscate” e “Mil perdões”, além de surpresas que o cantor prepara para a ocasião.

O show acontece um dia após o aniversário de Chico, que completa 82 anos nesta sexta-feira (19). Mas quem ganha o presente é o público ao congerir um diálogo sincero e genuíno entre influenciado e influenciador.

MOYSEIS MARQUES

SERVIÇO

MOYSEIS MARQUES CANTA CHICO BUARQUE

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 — Cinelândia) 20/6, às 19h30
Ingressos a partir de R\$ 60

CRÍTICA LIVROS

POR OLGA DE MELLO* - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Raimundo Carrero, o mestre incansável da brasilidade

A morte de Raimundo Carrero, aos 78 anos, deixa a literatura silenciosa e acinzentada e torna órfãos todos os que usufruíram de seus textos poéticos, brutais, coloridos, barulhentos, vibrantes e, acima de tudo, brasileiros. Crítico feroz da desigualdade nacional, o pernambucano destacou um Brasil de contradições imensas através de personagens intensos em misticismo, ingenuidade, ceticismo, cinismo, quase sempre multifacetados, em busca de aprimoramento pessoal ou conformados com as agruras existenciais, gente que surpreende por atitudes insólitas, agindo com segurança, impulsionadas pela sobrevivência.

O reconhecimento da crítica foi constante: entre tantos prêmios, ganhou o da Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1996, por “Somos Pedras que se Consomem”, o Jabuti por “As sombras ruínas da alma”, em 2000, o Prêmio São Paulo de Literatura por “A minha alma é irmã de Deus”. A combinação de realismo com a ficção beirando o fantástico talvez tenha sido fruto da experiência no jornalismo, que exerceu por décadas.

A brasilidade exuberante de Carrero, integrante do Movimento Armorial, capitaneado por Ariano Suassuna, de quem se tornou amigo e apoiou na promoção de uma arte brasileira autêntica a partir das raízes da cultura popular nordestina, jamais o distanciou do meio urbano. A megalópole, assim como o interior, foi cenário de tantas de suas tramas, colocando lado a lado marginais e quem procura a redenção, mesclando a religiosidade fervorosa do povo com o desprezo pelas estruturas hierárquicas da sociedade. O contraponto com a burguesia, o coronelismo e a arbitrariedade exercida pelos que estão no poder sempre surgiu em sua literatura, ultrapassando barreiras realistas para, às vezes, trazer a justiça aos desafortunados.

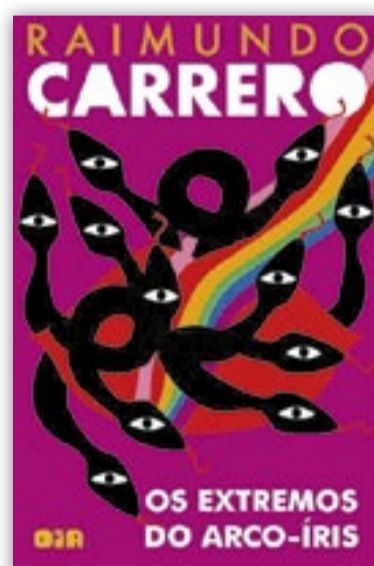
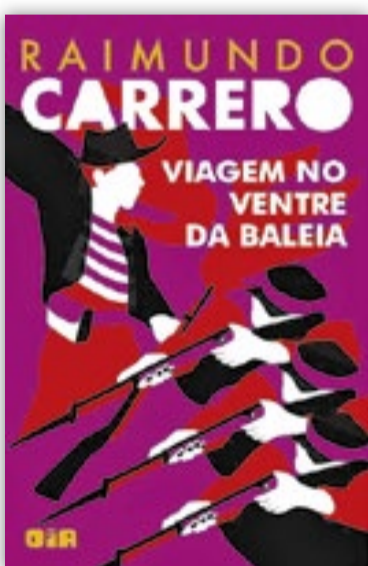
A santidade do caráter de personagens marginais é uma das peculiaridades de sua ficção, povoada por desempregados, moradores de rua, prostitutas, trabalhadores explora-



Divulgação

Crítico feroz da desigualdade nacional, o pernambucano Raimundo Carrero destacou em sua

obra um Brasil de contradições imensas através de personagens intensos em misticismo, ingenuidade, ceticismo e cinismo



dos no Brasil profundo, gente sem porto seguro para se abrigar e que cria serenidade no delírio místico. Histórias que se mantêm atemporais, abordando questões insuperadas pelo país, como “Viagem no ventre da baleia” (Oia, R\$ 65,90). Lançado nos anos 1980, o romance trata da luta da população, apoiada por dois ex-guerrilheiros e um padre, contra o coronel Salvador de Barros, grande proprietário de terras de uma localidade no interior de Pernambuco, durante a ditadura militar. Se a democracia impera

quarenta anos depois no território, as disputas fundiárias ainda sangram o Brasil profundo.

Outra chaga social – o tratamento dos doentes mentais – é discutida em “Os extremos do arco-íris” (Oia, R\$ 45,90), que narra a investigação de um detetive particular – na verdade, um desocupado interessado em ser pago pela função – para desvendar a causa da morte de um interno em um hospital psiquiátrico. Carrero criou ainda textos nascidos da angústia pessoal diante da barbárie. Em “Estão matando os

meninos” (Iluminuras, R\$ 61,90), aborda a violência policial que abate a tiros “gerações inteiras, sobretudo os mais pobres e miseráveis, que deram o sangue nesta guerra desproporcional”. Nos contos, crianças mortas por “balas perdidas” acabam transformadas em dados estatísticos, enquanto são pranteadas por pais sem a menor esperança de que um dia os executores de seus filhos sejam julgados.

A aspereza de suas histórias contrastava com a simpatia pessoal de Raimundo Carrero, gran-

de incentivador de novas vozes da literatura. Há cerca de 26 anos, em entrevista* para o lançamento de “A minha alma é irmã de Deus”, ele advertia os novos autores sobre a necessidade de disciplina férrea no trabalho. “Eu escrevo sempre, sempre. Todo escritor precisa de rotina, mesmo que sua vida seja uma bagunça”, afirmava Carrero, que se levantava diariamente às 4 horas da madrugada para escrever e garantia não acreditar em inspiração, “só em trabalho”. Definia-se como “muito reflexivo” e “quase sempre estratégico”, dizendo acreditar apenas em escritor “obstinado e trabalhador”. A erudição exposta em sua literatura vinha da influência de Ariano Suassuna, o Dostoiévski, Graciliano Ramos e “sobretudo a Bíblia”, uma de suas leituras costumeiras, além de William Faulkner e Flaubert. “Recorro quase sempre aos mesmos livros. Leio muito, mas, quase sempre, as mesmas coisas. Dostoiévski é inesgotável”, explicava.

*A entrevista foi concedida à Olga de Mello - e iniciou uma fraterna amizade virtual da repórter com o escritor.



A criação do espetáculo bebe na tradição itinerante do artista mambembe

A arte que vai ao público

Cia Focus de Dança leva a performance 'Trupe' ao Retiro dos Artistas e à Praça Paris neste fim de semana

A dança sai do palco e invade as ruas. A Focus Cia de Dança apresenta Trupe, uma intervenção urbana criada pelo coreógrafo e diretor artístico Alex Neoral, neste fim de semana, com entrada gratuita. A performance ocupa o Retiro dos Artistas (Pechincha) no sábado (20) e a Praça Paris (Glória) no domingo (21), ambas às 15h, transformando espaços públicos em palco vivo para 35 minutos de movimento contínuo que

atravessa a paisagem local.

A criação de Trupe bebe na tradição do artista mambembe — aquele que há século atravessa territórios para encontrar o povo onde ele está. Neste caso, os bailarinos se deslocam pela cidade apresentando a coreografia ao ar livre, provocando o olhar de quem passa e interrompendo a rotina apressada dos espaços. “Em cada lugar, Trupe recebe as mais diferentes reações. É nessa troca que a performance ganha significado. A ideia é sempre atravessar a rotina apressada que atinge nosso cotidiano tão repleto de telas e sobrecarga”, define Alex Neoral. Desde 2018, a obra já circulou por Brasil adentro e pelo exterior — Canadá, Espanha e Portugal já receberam o cortejo em movimento. A performance marca o diálogo entre o movimento e a paisagem local, além de provocar o olhar de quem está no espaço público em questão.

As apresentações são viabilizadas pelo Edital Pró-Carioca, programa de fomento à cultura carioca da Prefeitura do Rio, através da Secretaria Municipal de Cultura. É a terceira montagem da Focus na capital fluminense

“Em cada lugar, ‘Trupe’ recebe as mais diferentes reações. É nessa troca que a performance ganha significado. A ideia é sempre atravessar a rotina apressada que atinge nosso cotidiano tão repleto de telas e sobrecarga”

ALEX NEORAL

em 2026. Em março, a companhia estreou “Bodas” no Theatro Municipal; em maio e início de junho, dançou “Cinequanon” no Teatro Carlos Gomes. Antes disso, realizou breve turnê em Portugal. A agenda internacional segue intensa: em julho, a Focus embarca para sua primeira turnê na Argentina com “Carlota – Focus Dança Piazzolla”; em agosto, se apresenta pela primeira vez na China com “Still Reich”.

Fundada em 2000, a Focus Cia de Dança une o coreógrafo Alex Neoral à sócia Tati Garcias, gestora e diretora de produção. Régua e compasso do coletivo, ela responde pela gestão de cada detalhe. “Eu e o Alex

somos amigos há 30 anos. Faz toda diferença na gestão geral da companhia eu ter feito parte do elenco. Ao assumir outra função, tenho a meu favor uma visão estratégica sobre o corpo artístico, mas também sobre itinerância, dentro e fora do Brasil”, destaca a diretora. Com 27 obras e 17 espetáculos em seu repertório, a Focus consolidou-se como uma das mais atuantes da cena contemporânea brasileira. Ao longo de sua trajetória, apresentou-se em mais de 100 cidades brasileiras e realizou turnês internacionais por Colômbia, Bolívia, México, Costa Rica, Canadá, Estados Unidos, Portugal, Itália, França, Alemanha, Espanha e Panamá. Em 2023, participou do

Festival Hola Rio!, em Madri, como convidada especial da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro.

O ecleto repertório é marca da companhia desde sua origem. “Posso encontrar na música contemporânea do americano Steve Reich, conhecido pelo minimalismo, o fio condutor de um trabalho, caso de ‘Still Reich’, que apresentamos em Portugal e vamos levar para a China. Mas, também, me deparar com a obra popular de Roberto Carlos, através da coleção de discos em vinil da mamãe, e realizar o roteiro que baliza ‘As canções que você dançou pra mim’, carro-chefe da companhia. Ou ainda fazer um tributo ao artista mambembe. Sem liberdade, a arte não faz sentido”, reflete Alex Neoral. A companhia realiza, em média, 80 apresentações por ano e conta com patrocínio exclusivo da Petrobras para manutenção de suas atividades. Declarada Patrimônio Histórico, Cultural e Artístico de Natureza Imaterial do Estado do Rio de Janeiro, a Focus também é reconhecida com a Ordem do Mérito Cultural, concedida pelo Ministério da Cultura. Em 2019, ganhou o Prêmio Cesgranrio de Dança com a coreografia “Keta”, parte integrante do espetáculo “Still Reich”.

SERVIÇO

FOCUS CIA DE DANÇA - TRUPE

20/6, às 15h: Retiro dos Artistas (Rua Retiro dos Artistas, 571 – Pechincha)
21/6, às 15h: Praça Paris (Avenida Augusto Severo, 342 – Glória)
Grátis

CRÍTICA TEATRO | QUERIDA MAMÃE

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Desencontro familiar

Arrebatando, em 1994, os prêmios Molière, Mambembe, Shell, APCA e APETESP, o texto de Maria Adelaide Amaral, com Eva Wilma e Eliane Giardini, volta aos palcos cariocas. Autora de sucessos, inspirou-se na própria relação materna para descrever seus conflitos. “Querida Mamãe” impõe-se com uma carpintaria afiada, cuja voltagem dramática é evidente, permeando sabedoria e delicadeza para revelar um hiato de gerações. Desencontro entre mãe e filha, que são atravessadas por pontos de vista distintos.

A mãe é reservada, conservadora, enquanto a filha, médica, permite-se voos libertários, elaborando novas formas de ser feliz. As personagens reencontram-se num apartamento recheado de heranças emocionais truncadas, onde os afetos, o verdadeiro amor encobrem-se, e a narrativa estabelece trocas carregadas de tensão pelo abismo que perpetuou-se entre elas. Experiente e libertando-se do ma-

niqueísmo, a escritora humaniza suas criações, pelas quais o público identifica-se.

Entretanto, a condução de Pedro Neschling é inócua. Há uma estética novelesca que prejudica o andamento do espetáculo, arrastando-se demasiadamente, como se as cenas precisassem ser editadas. Pausas são esgarçadas, marcas estáticas não valorizam a dinâmica inserida na emocionalidade textual. Uma marca na esquerda baixa em que a mãe tenta acarinhar sua progênia é pouco desenhada, necessitando de um plano detalhe, utilizado no audiovisual. O ponto culminante da narrativa é esfacelado, pois o ritmo teatral não é estruturado. Todavia, o diretor acerta em erguer as delicadas cortinas diáfanas, na medida que os acontecimentos manifestam-se, quando verdades eclodem, numa ambiência adequada de Beli Araújo.

Talentedas, as atrizes são fragilizadas pela orientação de expressividade cênica, ocasionando um estado amornado em diversos momentos. A corporeidade não projeta algumas intenções sugeridas



Nivea Maria e Regiane Alves em 'Querida Mamãe': Há uma estética novelesca que prejudica o andamento do espetáculo

Divulgação

pela dramaturgia, em que a direção de movimento de Toni Rodrigues também não favorece. Apesar disso, Nivea Maria – uma das grandes atrizes da televisão brasileira, com uma infinidade de papéis relevantes na teledramaturgia – dá credibilidade ao projeto, valorizando a rigidez de sua Ruth, costurando com sensibilidade as variações daquela mulher endurecida.

Ao final, aplica seus graves, instituindo a angústia da personagem, onde desvela as contradições amorosas pela filha. Já Regiane Alves, outra expoente da tv, alcança itinerários mais efusivos, com arroubos de emoção, pelos quais a encenação obtém contornos mais teatrais. Apesar de acometida por uma virose na apresentação, a atriz não sucumbe e explora com veemência os ideais que sua Helô defende.

O figurino de Antonio Rocha é correto, enroupando Ruth monocromaticamente e um look mais despojada para Helô. Fernanda Mantovani abre a cena em tons tórridos, prenunciando a atmosfera hostil, além de abusar de efeitos lumináres nas temperaturas diversas que o texto lhe propõe.

SERVIÇO

QUERIDA MAMÃE

Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - Loja 265)
Até 2/8, sextas e sábados (20h) e domingos (19h)
Ingressos: R\$ 150 e R\$ 75 (meia)

NA TRIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Annelize Tozetto/Divulgação

Um clássico revisitado

“Elogio da Loucura”, obra do pensador Erasmo de Rotterdam, escrita como uma sátira à sociedade dos séculos XV e XVI, tornou-se atemporal e profundamente atual; por apresentar uma nova visão da loucura, expondo as relações de poder na sociedade, na política e na Igreja, como espelhos de si mesma. Nessa versão para o teatro, em cartaz no Teatro do CCBB, a Loucura, interpretada por Leona Cavalli, se apresenta como personagem, mantendo a ótica, o sarcasmo e a sagacidade do conteúdo original da obra.



Divulgação

Mulheres em exaustão

Entre bastidores caóticos, crises silenciosas, áudios intermináveis, expectativas e cafés frios, um grupo de mulheres tenta sobreviver ao próprio cansaço enquanto se prepara para entrar em cena. Com humor afiado, ironia e momentos de identificação dolorosamente reais, “Manual de Sobrevivência das Mulheres Exaustas”, em cartaz no Teatro Cândido Mendes, até o dia 28, transforma a exaustão feminina em espetáculo — revelando o peso invisível de quem aprendeu a dar conta de tudo, o tempo todo.



Paulo Aragon/Divulgação

Vidas cruzadas

Jonathan, atendente de fast food; Luiz Felipe, garoto de programa; e Antônio, professor universitário aposentado. Três homens gays que têm suas vidas cruzadas. Através dos desenvolvimentos de suas trajetórias e das relações que se estabelecem entre eles. Em cartaz até o dia 26 no Teatro Gluacio Gill, “Selva: Solidão”, com dramaturgia e atuação de Vinicius Teixeira, convida o público a refletir sobre os efeitos de se crescer como uma pessoa LGBTQIAPN+ num mundo heteronormativo, e sobre o constante sentimento de solidão nesta comunidade.

SEXTOU! U M DF DE

FESTIVAL

Elemento em Movimento

*O Programa Jovem de Expressão iniciou a 8ª edição do Festival Elemento em Movimento com a Aula Inaugural das Oficinas Movimento-se. Com apresentação do Ministério da Cultura e da Petrobras e patrocínio do Mercado Livre, o festival tem como tema "Sem Perder a Ternura" e reúne ações voltadas à formação de jovens, à cultura preta e periférica e à economia criativa. O festival terá oficinas de Produção de Eventos e Cobertura Mobile para Eventos, além de residências formativas de Cenografia e Roadie, com inscrições previstas para os próximos dias.

Festival de Artes Cênicas

*Estão abertas as inscrições para o edital de seleção artística da primeira edição do Festival de Artes Cênicas Preta do Maranhão, que será realizado de 13 a 17 de outubro de 2026, em São Luís e região metropolitana. A iniciativa receberá propostas de teatro, dança, cenas curtas e performances de artistas, grupos e coletivos negros de diferentes regiões do país. As inscrições são gratuitas e seguem até 9 de julho, por formulário online. Realizado pela Afrodite Produções, com apresentação do Ministério da Cultura e patrocínio da Vale, por meio da Lei Rouanet, o festival terá apresentações e atividades formativas. Os selecionados receberão cachês entre R\$ 800 e R\$ 5 mil.

PROJETO

Ciclo online no Porão

*O Festival Porão do Rock abriu inscrições para o Porão na Roda, ciclo de formação online voltado a artistas, produtores culturais, gestores e profissionais da economia criativa. A programação será realizada de 30 de junho a 3 de julho, com participação gratuita e atividades sobre carreira, mercado da música, direitos autorais, produção, internacionalização e novas formas de geração de receita. O projeto reúne convidados de áreas como gestão cultural, produção musical, audiovisual e indústria fonográfica.

Aprelhinho

*A Biroasca, no Conic, recebe hoje (19), o Arena Brasil, programação que reúne futebol, música, gastronomia e cultura



Festival Elemento em Movimento



1ª edição do Festival de Artes Cênicas

durante a Copa do Mundo. O espaço terá transmissão dos jogos, atrações musicais e atividades culturais com nomes como Leci Brandão, Os Garotin, Benzadeus e Velha Guarda da Portela, além de artistas brasileiros. O evento promove encontros entre esporte e cultura com acesso gratuito.

Projeto Empreenda Mulher

*O Projeto Empreenda Mulher está com inscrições abertas para novas turmas de qualificação profissional gratuita para mulheres de Santa Maria e região. As atividades começam a partir de 22 de junho, com

curso nas áreas de gastronomia, beleza e informática. Realizada pelo Instituto Sociocultural Humanidade Diversificada e Unida (HDUN), com fomento do Ministério das Mulheres e apoio da Administração Regional de Santa Maria, a iniciativa oferece capacitação em áreas como Panificação e Biscoitos, Pizzaiola e Salgados, Confeiteira e Doces.

DF Instrumental Fest Gama

*O DF Instrumental Fest 2026 inicia o quarto ciclo no dia 20 de junho, com programação gratuita no Centro de Ensino Médio (CEM) 02 do Gama. O fes-



Arena Brasil recebe Calango Careta e Aparelhinho

tival reúne música instrumental, cultura popular e intervenções poéticas com apresentações de Zenga Baque Angola, Lúcio Maia e Cairo Vitor. A programação também terá participação da Banca de Poetas, com ações de troca de livros e atividades literárias. Realizado com fomento do FAC-DF e da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF.

TEATRO

Memórias do Vinho

*Herson Capri e Caio Blat interpretam pai e filho em "Me-

mórias do Vinho", último texto para teatro escrito por Jandira Martini, em parceria com Maurício Guilherme. A peça acompanha o reencontro de dois personagens afastados há anos, que se encontram em uma adega familiar onde garrafas de vinho guardam histórias e lembranças. A trama tem como ponto central um diário escrito pelo pai, com registros sobre a coleção e revelações que transformam o encontro em um acerto de contas. A montagem terá apresentações nos dias 25 e 26 de julho, no Teatro UNIP, em Brasília.

Divulgação

Divulgação

Divulgação

ENTREVISTA | FERNANDO CEYLÃO

CINEASTA, DIRETOR TEATRAL, DRAMATURGO E ATOR

‘Cada vez mais, a tecnologia evolui para registrar o aumento da barbárie’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Dramaturgo e encenador consagrado nos palcos por “Como é Cruel Viver Assim” e “Meu Nome é Reginaldson”, Fernando Ceylão já fez de tudo no audiovisual (é roteirista, ator, músico e já foi comediante fixo no “Mais Você”, de Ana Maria Braga), alimentando o sonho de menino de um dia ser cineasta, como o Spielberg que tanto ama. Há cerca de duas semanas, o festival Cine PE, no Recife, oficializou esse projeto de vida dele com o carimbo da excelência, ao laurear o longa-metragem de estreia desse multiartista carioca, “Resta Um”, com os prêmios de Melhor Filme e Melhor Roteiro. A produção de tons distópicos venceu ainda nas categorias de Interpretação Coadjuvante, coroando Perla Carvalho e Ítalo Martins.

Ceylão filmou outro longa, o drama edificante “Cartas Para Deus”, enquanto “Resta Um” estava em montagem. A trama premiada no Recife se passa num futuro torto, onde um homem (Caco Ciocler) precisa vencer debates online, promovidos pelo governo, para sobreviver. Temendo pela vida e pela possibilidade de deixar sua esposa doente (Maria Ribeiro) sozinha, ele se torna um vencedor implacável, mas pode se perder nessa realidade, onde a dor vira entretenimento.

Agora consagrado como realizador, Ceylão fala de sua arte para o Correio da Manhã.

De que maneira o formato de distopia de “Resta Um” se alinha com o olhar que você busca sobre o Brasil e de que forma o seu filme pode ser um sinal de alerta?

Fernando Ceylão - Curiosamente, esse filme não nasceu da necessidade de contar uma história ou de dizer algo. Ele nasceu da necessidade de realizar um filme. Eu tinha, naquela altura, 62 ideias anotadas no meu arquivo “filmes que quero fazer um dia”. Nenhuma delas cabia em um baixo orçamento. “Resta Um” nasce, essencialmente, dessa necessidade de ter um roteiro que, em último caso, eu pudesse fazer com dinheiro do bolso e um grupo de amigos. Quase que “de trás para a frente” no processo de criação. Aos poucos, fui juntando ideias. Pensei em uma velha ideia para um curta ao estilo da série “Além da Imaginação”, em que a sociedade precisaria escolher quem deveria seguir vivo e quem deveria ser eliminado. Pensei que passamos grande parte do tempo diante de telas. Em algum momento, comeci a entender que o que mais me preocupava naquela altura — e continua me preocupan-

do hoje, até porque não se passou tanto tempo — era a possibilidade que a internet trouxe da ascensão do idiota a cargos de poder. Eu me assusto demais ao ver como pessoas que não têm qualquer projeto de Brasil se tornam ídolos e acabam se elegendo para cargos públicos. A situação piora pelo fato de essas pessoas serem, em sua maioria, cidadãos que estavam à margem em suas respectivas funções e são movidos a rancor e ressentimento.

Como essa premissa vira dramaturgia?

Hoje, alguém que brade palavras de ordem violentas e destrutivas é admirado por uma fatia grande da população. Um jogo criado pelo governo, no qual os votantes podem eliminar aqueles que não consideram “cidadãos de bem”, é uma ideia que acaba canalizando tais medos e, assim, torna-se um alerta, sobretudo em mais um ano de eleições, que será decisivo para o futuro da democracia. Cada vez mais, a tecnologia evolui para registrar o aumento da barbárie.

O que a premiação em Recife aponta como futuro



Divulgação

“*Firigir um filme é se afastar do sonho a cada minuto. Você idealiza um filme, desenha-o inteiro, pensa em cada cena, cada detalhe... Depois vai para o set e vive a realidade de ter que resolver um problema a cada minuto*”

para a sua estreia?

Conversando com jornalistas que estavam na coletiva do filme, fui entendendo como vencer um dos maiores festivais do país volta os olhares para a obra. Um jornalista chegou a me dizer que agora se torna urgente lançar o filme, e isso não só me animou bastante, mas me fez

transmitir essa sensação para a distribuidora. Por ser um filme não tão parecido com os que eles costumam lançar, acho que esperavam alguma repercussão ou resultado como esse, do Cine PE, para então lançá-lo. Gostaria muito de estreiar o filme ainda este ano. Afinal, é ano de eleição e teremos inúmeros debates.

Como foi o papel de Patrícia Chamon para a trajetória de “Resta Um” e “Cartas Para Deus”?

Criei o filme para, em último caso, poder filmá-lo da forma mais guerrilheira possível. A vida acabou me colocando diante da Patrícia por acaso. Ela tinha uma verba e procurava um projeto. Queria uma comédia, a princípio, mas acabou se apaixonando pelo projeto. Ela foi fundamental para que o filme existisse, mas, acima disso, foi fundamental na minha vida. Quero dirigir cinema desde os nove anos de idade, e ela foi a primeira pessoa que me permitiu isso. Escrevi vários roteiros que tentei dirigir e jamais me deixaram dirigir. Ela deixou. Não só o meu primeiro filme, mas também o segundo e o terceiro. Infelizmente, ela veio a falecer. Morreu de câncer, tal qual o personagem principal de “Cartas Para Deus”. Isso dá ao filme um caráter muito especial e delicado. Há de ser feito um lançamento com tamanha responsabilidade. “Cartas Para Deus” é um filme com bastante apelo popular e foi filmado com o mesmíssimo cuidado de “Resta Um”.

Qual foi a principal lição que “Resta Um” lhe trouxe?

Que dirigir um filme é se afastar do sonho a cada minuto. Você idealiza um filme, desenha-o inteiro, pensa em cada cena, cada detalhe, cada easter egg (referência escondida). Depois vai para o set e vive a realidade de ter que resolver um problema a cada minuto. Sabe aquele cronômetro do xadrez que o enxadrista aperta quando termina de pensar a jogada? No cinema, o diretor aperta esse botão a cada minuto.

Que planos você tem para “Resta Um” agora? O que filma em seguida?

Além de lançar o filme, gostaria de pensar em formas de fazê-lo “virar assunto” e tentar que ele faça algum barulho. Em um mundo tão segmentado, o natural é um filme estreiar e nada, absolutamente nada, acontecer. Isso acontece no mundo todo. “Cabo do Medo”, na versão série, por exemplo, estreou e ninguém deu muita bola. Gostaria muito de encontrar um jeito de o filme virar assunto. Fora isso, na coletiva em Recife, o crítico Miguel Barbieri falou uma coisa que ficou na minha cabeça: “Resta Um” tem potencial para ser vendido para diversos países que fariam suas respectivas versões. Confesso que fiquei com esse sonho. Além disso, tenho três projetos muito diferentes, um em cada produtora: um filme de fé com algo semelhante a “Cartas Para Deus”, uma comédia romântica policial e uma comédia envolvendo extraterrestres. O que sair primeiro será o que filmarei primeiro.



Berlinale.de

Ulrike Ottinger, de cachecol, na passagem do terrir 'The Blood Countess' pelo Festival de Berlim



Divulgação

'A Fúria', com Daniel Filho e Lima Duarte, é assinado por Ruy Guerra, nonagenário que fala de cinema com Neville d'Almeida domingo em Maricá

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

O filme do momento, "Dia D", é assinado por um jovem de 79 anos. Amem-no ou odeiem-no, o novo Spielberg, "Disclosure Day" (no original), provoca, inquieta. Suas plateias se racham em inflamados debates, que vão das fake news à dimensão filosófica da Ufologia, e, no quebra-pau, transformam o regresso do diretor de "Tubarão" (1975) às telas na coqueluche cinéfila do momento. Há quem repudie o olhar do realizador sobre seres do espaço e há quem reclame de ele estar apenas reciclando um histórico que vem lá de "Contatos Imediatos do Terceiro Grau" (1977).

Já a Bíblia do pensamento crítico do audiovisual, a revista "Cahiers du Cinéma", rendeu-se à excelência do realizador, pelo que diz o resenhista Raphaël Nieuwjaer: "O espectador é cativado desde o início. E até mesmo lançado no ar, jogado contra as cordas, jogado no chão. O longa começa com tudo: em câmera subjetiva, no meio de uma luta de wrestling. É ao mesmo tempo uma distração e um aviso. A luta é apenas um disfarce. O essencial acontece nas arquibancadas, onde um trio sinistro aproveita a confusão para roubar a mochila de um homem que só abandona sob coação. Mas o filme também se apresenta, sem rodeios, como uma experiência cinética, cujo objetivo é transportar o público". Essa empolgação de Raphaël se nota na bilheteria dessa produção de US\$ 115 milhões: desde sua estreia, no dia 11, seu faturamento beira os US\$ 98 milhões.

Numa indústria que sucateia, de modo silencioso, seus veteranos, um artesão autoral que chega aos 80 no dia 18 de dezembro põe o planeta no bolso com uma ode à ficção científica a serviço do conhecimento. É uma trama sobre o direito à verdade, que faz sucesso num ano em que muitas vezes autorais já veteranas ganham a ribal-

Futuro do pretérito

Aos 79 anos, Steven Spielberg emplaca, com "Dia D", uma das discussões mais polêmicas de sua carreira, fazendo sucesso num ano em que veteranos na casa dos 70, 80 e 90 brilham



Universal Pictures

Noah Scanlon (Colin Firth), o vilão para além de caricaturas do novo Spielberg

ta, com filmes imperdíveis.

Foi uma germânica de 84 anos quem deu à Berlinale de 2026 seu melhor filme: Ulrike Ottinger. É dela o delicioso "The Blood Countess". Um trinômio do Capeta — o guarda-roupa concebido por Jorge Jara, a maquiagem exuberante de Tünde Kiss-Benke e um design de produção, de Christina Schaffer, que remete a uma casa de bonecas — pavimentam o engenho simultaneamente excêntrico e belo desse terrir que inquieta sob o prisma político. Ao fim da I Guerra, F. W. Murnau filmou vampiros (no caso, o "Nosferatu" de 1922) a fim de alertar para um ovo de serpente



Festival de La Rochelle

O nonagenário Alain Cavalier volta a Cannes pela Quinzena

que os povos germânicos chocavam. Agora, a octogenária diretora de "Joana D'Arc da Mongólia" (1989) apela para uma aristocrata

ganização que ele lidera, a Wardex, quer manter o planeta na caverna do desconhecimento. Mas um time formado pela apresentadora do tempo Margaret Fairchild (Emily Blunt), o especialista em computação Daniel Kellner (Josh O'Connor) e o ativista em prol do livre conhecimento (o tal "disclosure" do título original) Hugo Wakefield (Colman Domingo) vai desafiar a vontade do status quo... do Poder.

O mesmo raciocínio se aplica a "Merci d'Être Venu" (título literalmente traduzível como "Obrigado por Ter Vindo"), um dos achados da Quinzena de Cineastas de Cannes, em maio, cujo diretor é um patrimônio (hoje nonagenário) do audiovisual francês: Alain Cavalier. Na ativa desde 1958, quando dirigiu "Un Américain", o realizador de 94 anos bagunça fronteiras formais em sua nova produção, convocada para a Quinzena de Cineastas. Ele atribui o projeto a um empurrãozinho afetivo do produtor Michel Seydoux, com quem trabalha há quarenta anos.

Nesse bonde dos artistas outonais que clamam por espaço no circuito, entra o espanhol Pedro Almodóvar, hoje com 76 anos. Seu "Natal Amargo" agarrou uma fatia de público polpuda, na Espanha e no Brasil, partindo da metalinguagem para debater os limites da criação e perguntar a quem pertence uma narrativa.

Ampliando esse espaço da longevidade criativa de realizadores que atravessam gerações, o Festival de Cinema e Política de Maricá, hoje em curso, cumpre uma tarefa louvável ao abrir espaço em sua grade, neste domingo, para unir Neville d'Almeida (hoje com 85 anos) a Ruy Guerra (de 94 anos). O primeiro, mineiro lá das Gerais, consagrado com "A Dama da Lotação" (1978), realiza videoartes e curtas sem parar, alimentando o projeto de filmar "A Dama da Internet". Já Ruy, moçambicano de ascendência portuguesa, radicado aqui desde os anos 1950, lançou há cerca de dois meses "A Fúria" e tem mil projetos em curso. Os dois são primavera. São o futuro... com o privilégio da experiência.

Annecy tinge a animação de verde e amarelo

ANNECY
FESTIVAL

Produções brasileiras de diferentes latitudes do país se espalham pelo festival francês que é a Cannes de quem dirige desenho, faz stop-motion, cria com computação... enfim anima a vida

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

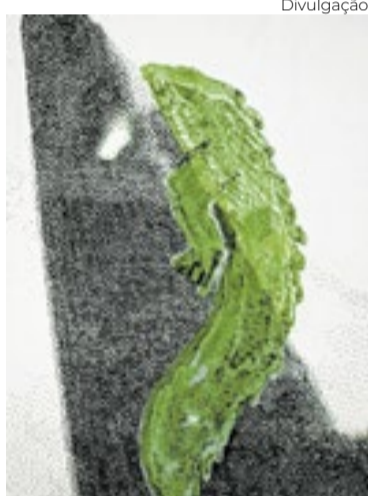
Desde 2019, segue em suspenso o sonho brasileiro de ver o Anima Mundi encantar plateias de novo, fazendo jus a uma história de conquistas iniciada em 1993 e interrompida no governo Bolsonaro. Os feitos do nosso festival foram celebrados muitas vezes pela maior maratona do setor animado no mundo, Annecy, espécie de Cannes do setor, realizada na cidade homônima da França, desde 1960.

A edição atual, de número 50, começa neste domingo em numa toada hollywoodiana, com a pré-estreia de "Minions & Monstros". Calma! As contas do Correio da Manhã não estão erradas: embora tenha nascido há 66 anos, na zona dos alpes franceses conhecida como Alta Saboia, o evento era realizado a cada dois anos, e só em 1998 passou a ter periodicidade anual, formato que mantém até hoje.

Em 2026, quando se espalha de 21 e 27 de junho, Annecy recebe o Brasil nas telas nas principais vitrines de sua programação. Estamos até na mostra competitiva Contrechamp (Contracampo), a segunda mais importante vitrine de longas dessa micareta cinéfila francesa, de-



'Lago do Abandono' integra a competição oficial de curtas



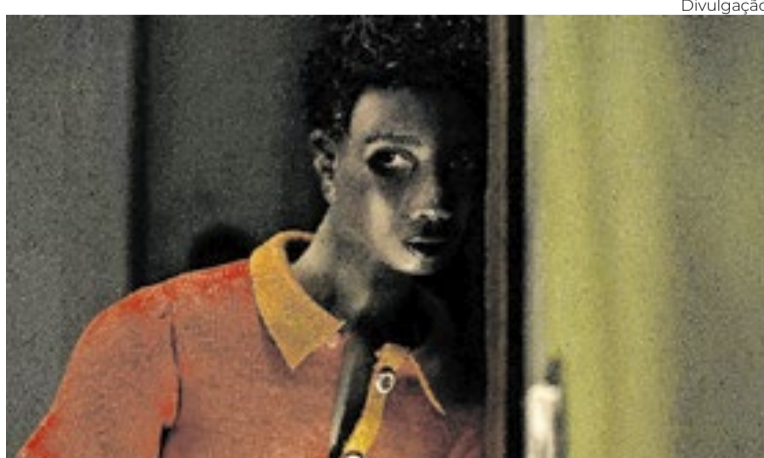
Clara Crocodilo ganha versão animada

LONGAS ANIMADOS NA COMPETIÇÃO

- * "Decorado", de Alberto Vázquez (Espanha)
- * "In Waves", de Phuong Mai Nguyen (França e Bélgica)
- * "Le Corset", de Louis Clichy (França)
- * "Lucy Lost", de Olivier Clert (França)
- * "Nobody", de Shui Yu (China)
- * "The Sunrise File", de Rupert Wyatt e Émilie Phuong (França e Luxemburgo)
- * "Tana", de Ji Zhao e Ke Er Zhu (China)
- * "Tangles", de Leah Nelson (Canadá e Estados Unidos)
- * "The Violonist", de Ervin Han e Raúl García (Singapura, Espanha e Itália)
- * "Viva Carmen", de Sébastien Laudenbach (França)
- * "We Are Aliens", de Kohei Kadowaki (Japão e França)



'Minions & Monstros', que estreia aqui em julho, vai abrir o maior festival de animação do mundo



'Madrugada no Edifício Terezinha' traz a assinatura autoral de Cesar Cabral

dicada a produções autorais independentes, à força de "O Filho da Puta", produção da lendária Otto Desenhos Animados com a Anaya Produções.

A direção é assinada a oito mãos por Sávio Leite, Érica Maradona, Otto Guerra e Tania Anaya. No último fim de semana, o longa foi premiado no AnimaFest Zagreb, na Croácia, uma das mais antigas mostras animadas do planeta, que está em sua edição número 54.

Sua trama se passa na pequena vila de Veredas, onde fica a Casa

Rosa, um famoso bordel administrado pela mãe do protagonista, Ismael. Por causa disso, ele é conhecido como o "Filho da Puta". Tentando deixar essa realidade para trás, Ismael se afasta dos laços maternos em busca das duas coisas que nunca conheceu: seu pai e o oceano.

"Depois de passar por Zagreb e vencermos o prêmio especial do júri, o filme vai para Annecy, a maior vitrine do mundo em termos de cinema de animação. Essas duas seleções são importantes para a carreira do filme e reafirma a potência da animação brasileira no exterior", diz Sávio Leite ao Correio da Manhã. "É uma animação minimalista, sabendo respeitar a diversidade e a busca individual para a realização pessoal".

Entramos na disputa de prêmios para curtas de Annecy com "Lago do Abandono", de Diego Maia. Ele ambienta a narrativa em 2040, no perímetro lacustre de Messejana, onde um casal de garças luta para encontrar um local seguro para fazer o ninho e proteger seus ovos. Na área delas, um projeto de construção em grande escala aproxima perigosamente trabalhadores e máquinas pesadas.

Na seção Midnight de Annecy, onde o terror é uma presença constante, Cesar Cabral (a grife por trás de "Bob Cuspe") promete assombro com "Madrugada no Edifício Terezinha". No enredo desse curta de 11'11", é tarde da noite em São Paulo e, ainda assim, Álvaro aceita um trabalho cuidando de um paciente em fase terminal, sem saber que a morte se infiltra pelos cômodos do misterioso prédio antigo onde se instala.

Há uma seção de Annecy para cliques e filmes comissionados. Ali tem Brasil também, numa evocação de nossas vanguardas: "Arrigo Barnabé 'Clara Crocodilo', 1980", rodado por Camila Kater e Samuel Mariani. No âmbito dos grandes estúdios que passam pelo festival, a Pixar – hoje às voltas com a estreia de "Toy Story 5" – vai levar as plateias de Annecy aos bastidores de "Gatto", novo projeto de Enrico Casarosa. A Netflix levará uma prévia de "Ray Gunn", de Brad Bird, além de materiais inéditos da nova série baseada em "Os Caça-Fantasmas" (1984) e da produção "Alley Cats". A Laika exibirá imagens de "Wildwood", de Travis Knight, enquanto a Disney Animation apresentará sequências inéditas de "Hexed". Já a Warner Bros. Animation mostrará cenas da recriação animada da HQ "A Queda do Morcego", dos anos 1990, chamada "Batman: Knightfall".

Emissora pública abre espaço para 'O Quatrilho' na TV aberta, num convite para que se repense um sucesso popular indicado à estatueta de Hollywood e a obra de Fábio Barreto



Ao dividir o espaço de uma casa no interior do Rio Grande do Sul dois casais trocaram de par em 'O Quatrilho'

Cheiro de Oscar

na TV Brasil

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Aberto na voz de Caetano Veloso, a cantar "Mérica, Mérica" numa evocação do hino dos imigrantes da Itália, "O Quatrilho" ganhou as telas do país em 21 de agosto de 1995 e, ao redor dos sete meses seguintes, levou 1.117.754 pagantes às salas de projeção de um Brasil que não sabia o que era concorrer ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro (chamado hoje de Filme Internacional) desde a indicação de "O Pagador de Promessas", em 1963. Fábio Barreto (1957-2019) acabou com esse jejum ao ter seu nome listado entre as nomeações feitas pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood há 30 anos, o que celebrizou um longa essencial na Retomada do cinema brasileiro, na base dos investimentos da então recém-nascida Lei do Audiovisual.

Neste domingo (21), às 16h, a televisão aberta vai abrir uma vitrine mais do que merecida para essa produção da LC Barreto, à força do investimento da TV Brasil na formação de público cinéfilo por meio da telinha. Na transmissão desse sucesso - hoje não tão cultuado como poderia ser - muitas histórias de bastidor virão à tona.

Filho dos produtores Luiz Carlos Barreto e Lucy Barreto, Fábio passou pela Quinzena de Cannes de 1982 com "Índia, A Filha do Sol" e, nos anos seguintes trafegou por diferentes adaptações de literatura e teatro até se deparar com "O Quatrilho", romance homônimo de José Clemente Pozenato.

O livro recria uma história de

infidelidade (e amor) ocorrida entre imigrantes italianos do Rio Grande do Sul no início do século XX. O filme recria essa trama, escalando Gloria Pires e Patrícia Pillar nos papéis centrais, como as forças femininas de dois casais.

O elenco reuniu alguns dos maiores intérpretes brasileiros de sua geração. Entre eles estava Cecil Thiré, nascido em 28 de outubro de 1943 e falecido em 9 de outubro de 2020, intérprete do Padre Gentile. Filho da atriz Tônia Carrero, Cecil construiu uma carreira sólida no teatro, na televisão e no cinema, participando de dezenas de produções marcantes.

Outro gigante presente na produção era Gianfrancesco Guarnieri, que viveu o Padre Giobbe. Nascido em 6 de agosto de 1934, em Milão, e falecido em 22 de maio de 2006, em São Paulo, Guarnieri foi um dos pilares do moderno teatro político brasileiro, autor de clássicos como "Eles Não Usam Black-Tie" e referência central na formação artística do país. Sua presença em "O Quatrilho" ajudou a conferir densidade histórica e dramática à narrativa.

A trama acompanha quatro colonos italianos que dividem a mesma casa para sobreviver às dificuldades econômicas da Serra Gaúcha. Com o passar do tempo, Teresa, interpretada por Patrícia Pillar, apaixonou-se por Massimo, vivido por Bruno Campos. A fuga dos dois provoca um terremoto moral numa comunidade profundamente católica, obrigando os abandonados Pierina, papel de Glória Pires, e Angelo, interpretado por Alexandre Paternost, a reconstruírem suas vidas. O título faz referência a um jogo de cartas em que a troca de parceiros é parte essencial da estratégia de vitória.

O êxito comercial foi extraordi-



Divulgação

Fábio Barreto fez de um longa que simbolizou a Retomada do cinema brasileiro um sucesso em escala global

nário para os padrões brasileiros da época. O filme ultrapassou a marca de um milhão de ingressos vendidos, tornando-se um dos maiores sucessos nacionais da década de 1990. Em um momento em que a produção brasileira ainda tentava se reorganizar institucionalmente, esse resultado serviu como prova de que existia público para o cinema nacional.

A circulação internacional também foi expressiva, com passagens pelos festivais de Xangai e de Tóquio. Além da histórica indicação ao Oscar, "O Quatrilho" conquistou em Cuba, no Festival de Havana, três distinções importantes: Melhor

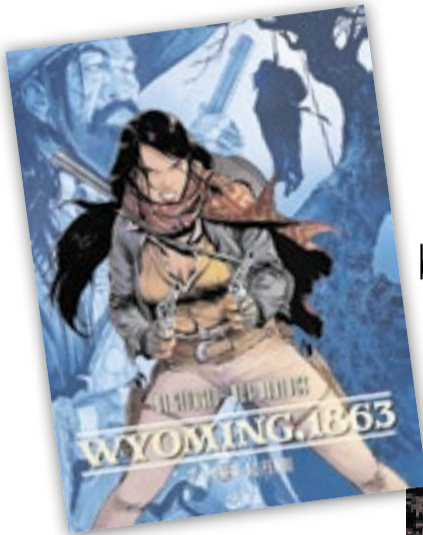
Atriz, para Glória Pires; Melhor Direção de Arte (Paulo Flaksman) e Melhor Trilha Sonora (Caetano e Jacques Morelenbaum).

A repercussão no exterior foi suficiente para transformar o filme num cartão de visitas do novo cinema brasileiro. Uma avaliação internacional reproduzida no agregador Rotten Tomatoes definiu a obra como "an important landmark in the history of South American cinema" ("um marco importante na história do cinema sul-americano"), destacando seu papel na recuperação da indústria audiovisual brasileira após anos de crise. Em 1998, a LC obteve nova

indicação ao Oscar, com "O Que É Isso, Companheiro?"

Hoje, quando se observam os caminhos que levaram o Brasil às indicações de "Central do Brasil", "Cidade de Deus", "Ainda Estou Aqui" e "O Agente Secreto", o caminho percorrido por Fábio merece ser reconhecido e exaltado como um pavimento histórico essencial. A sessão da TV Brasil deste domingo e ainda um convite pra gente repensar a falta que Fábio faz... e é muita... como um artista pautado pela doçura em seu entedimento do que faz um país como o nosso encantar as telonas do exterior.

Era uma vez (que nunca acaba) no Oeste



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Entrando em seus finais, junho roga a Deus e manda bala sobre julho, nas lojas especializadas em quadrinhos (ou BDs, Banda Desenhada), com a publicação de “Wyoming, 1863 – L’Arbre au Pendu”, de Fabrizio Des Dorides e Jan-François Di Giorgio. Lançada pela Ed. Soleil, sua narrativa transforma a fera no gatilho Emma Bridges numa heroína pop. Com ela, um cheirinho de pólvora que só se acha no faroeste se espalha por um dos mercados editoriais mais sólidos para as HQs, em todo o planeta. Não por acaso, outras editoras francesas, belgas e italianas preparam novidades, de julho até dezembro, para um território selvagem (porém, fértil de ideias) que nunca cessa de vender álbuns gráficos e revistinhas, mas passa por revisões éticas para se adequar à demanda do revisionismo histórico.

Além de dar conta da demanda global por empoderamento feminino, com toda a fúria da supracitada Sra. Bridges, temas decoloniais eclodem nos baldezinhos com a chegada do encadernado de Marshall Bass, pela Ed. Delcourt, a mesma que publicou a obra-prima “Après la Nuit”, saga de vingança de Henri Meunier e Richard Guérineau. No Brasil, o debate antirracista no banguê-banguê ainda fica limitado a “Deadwood Dick”, que ganhou um tijolo de 448 páginas da Panini Comics, baseado em contos de Joe R. Lansdale. Esse material hoje está à venda com desconto de peso na Amazon.

Por aqui já chegou também o western quadrinizado que celebra a peleja dos povos originários contra a colonização: “Hoka Hey!”, hoje um fenômeno em toda a Europa graças à excelência da arte de

Gênero celebrizado por heróis como Tex, o banguê-banguê ganha sobrevida nos quadrinhos, mundo afora, ao se abrir às lutas identitárias da contemporaneidade e combater o racismo



DC Comics almeja repaginar Jonah Hex, para conquistar nova massa leitora



Neyef (pseudônimo de Romain Mauffront). A publicação sai aqui pela editora Taverna do Rei. Sua trama se passa em 1850, quando Georges, um jovem Lakota, criado pelo pastor responsável pela administração de sua reserva, distancia-se de suas raízes e começa a aspirar por um futuro moldado pelo estilo de vida branco. Uma virada violenta há de mudar seu curso.

Preparando-se para explorar o lado mais sangrento da América do século XIX (por prismas mais democráticos) em “Big Sky” (escrita por Serge Perrotin e desenhada por Marc Bourgne), prevista para setembro, a editora Glénat reciclou a relevância do faroeste

nas livrarias e BDtecas (lojas especializadas em BDs) da Europa ao lançar “OK Corral”. É uma HQ sobre a batalha mais famosa do xerife Wyatt Earp (1848-1929). O roteiro de Jean-David Morvan recria a amizade do homem da lei

com o pistoleiro tuberculoso Doc Holliday, numa narrativa épica desenhada por Thomas Tcherkézian, Scietronc e Rey Macutay.

No Velho Mundo, em 2026, quando se fala em banguê-banguê, a referência mais citada são os 80 anos de Lucky Luke, criado pelo belga Maurice de Bévère (1923—2001), o Morris, em 1946. Álbuns de luxo do personagem estão à venda com desconto em redes livrescas como a Fnac e a Éditions Black & White acaba de publicar “La Longue Marche de Lucky Luke”, de Matthieu Bonhomme, a fim de festejar a efeméride. Saiu ainda um especial do periódico “Les Cahiers de la BD” acerca do caubói da Bélgica. Em



novembro, sai um álbum inédito, “Saint Lucky Luke”, dos artistas Achd e Jul, herdeiros de Morris. Essas publicações se articulam com a chegada de uma série sobre o personagem no Disney+, estrelada por Alban Lenoir.

Já nos Estados Unidos, o western vive um momento curioso. Embora distante da popularidade dos super-heróis, o gênero voltou a despertar interesse editorial. A DC anunciou para 2026 uma nova série regular de “Jonah Hex”, anti-herói deformado criado por John Albano e Tony DeZuniga em 1972. A iniciativa integra o selo Next Level, voltado para revitalizar personagens clássicos da editora. Paralelamente, a DC colocou em circulação uma nova edição encadernada de “Jonah Hex: Face Full of Violence”, reunindo histórias escritas por Jimmy Palmiotti e Justin Gray, autores responsáveis pela fase mais celebrada do personagem no século XXI.

Ainda nos Estados Unidos, as balas dos colts zumbem pelos baldezinhos de “Outlaw Showdown”, da EC Comics, editada em parceria com a Oni Press. A antologia reúne histórias de western com elementos de horror, incluindo a elogiada “Fire in the Hole”, escrita e desenhada por Tony Moore, artista que ajudou a criar o visual da aclamada “The Walking Dead”.

A Bonelli hoje alimenta o ânimo dos fãs de western ao publicar a delícia “Bella & Bronco”. Essa saga foi originalmente publicada na Itália, em 16 edições, de julho de 1984 a outubro de 1985, pela Editoriale Daim Press, atual Bonelli. A If Edizioni, entretanto, é a atual detentora dos direitos de licenciamento da série. No Brasil, a HQ foi publicada incompleta em apenas oito edições lançadas em formatinho em 1990, pela Editora Globo, e sai hoje pela Saicã, num trabalho primoroso.

Agroecologia não tem ferrão

Livro para escolas públicas marca dez anos de programa destinado a ensinar respeito ambiental para crianças

Pepita
UMA ABELHINHA SEM FERRÃO



Divulgação

Livro marca o aniversário do projeto Agroecologia para Crianças destacando a importância da polinização

Segundo a idealizadora do projeto, a proposta é aproximar crianças de temas ligados à agroecologia por meio da literatura, das artes e de experiências interativas.

Desde sua criação, o projeto Agroecologia para Crianças desenvolve ações educativas voltadas à divulgação de práticas sustentáveis e ao fortalecimento da relação entre infância e meio ambiente.

Pepita

“Pepita: uma abelhinha sem ferrão” apresenta a trajetória de uma abelha nativa brasileira que deseja conhecer o mundo além da colmeia. Ao longo da narrativa, a personagem estabelece conexões com elementos da biodiversidade e com conhecimentos tradicionais dos povos indígenas. A história também destaca a presença das abelhas sem ferrão no território brasileiro antes da chegada dos colonizadores europeus.

De acordo com Déborah Paiva, a escolha do tema busca ampliar o conhecimento das crianças sobre espécies de abelhas que fazem parte dos ecossistemas brasileiros e que desempenham papel relevante na polinização de plantas. A autora ressalta que muitas pessoas associam a produção de mel e a polinização apenas às espécies introduzidas no país, sem conhecer a diversidade de abelhas nativas existentes.

POR MAYARIANE CASTRO

O projeto Agroecologia para Crianças comemora dez anos de atuação no Distrito Federal com o lançamento do livro “Pepita: uma abelhinha sem ferrão”, terceira publicação da série criada pela tecnóloga em Agroeco-

logia, educadora e multiartista Déborah Paiva.

A obra será apresentada em escolas públicas entre os dias 8 e 19 de junho, em uma programação gratuita que inclui apresentações teatrais interativas, distribuição de exemplares e atividades voltadas à educação ambiental.

O lançamento ocorre em um contexto de discussões so-

bre mudanças climáticas, preservação ambiental e formação das novas gerações para práticas sustentáveis.

O novo livro aborda a importância das abelhas nativas brasileiras para a manutenção dos ecossistemas e da produção de alimentos, além de incorporar recursos de acessibilidade voltados a crianças com deficiência visual e auditiva.

Vivências

As atividades serão realizadas em quatro instituições de ensino do Distrito Federal. Cada escola receberá duas vivências pedagógicas, uma em cada turno.

A programação contempla a Escola Classe 05 do Guará I, o Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais (CEEDV), a Escola Classe 01 do Guará I e a Escola Classe 08 do Guará II.

Polinização tem suma importância

Segundo a FAO, ação das abelhas sustenta mais de 75% das culturas agrícolas do mundo

A relevância do tema encontra respaldo em dados de organismos internacionais. Informações da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) indicam que a polinização é responsável por sustentar mais de 75% das culturas agrícolas destinadas à alimentação humana, incluindo frutas, legumes, sementes e oleaginosas.

O trabalho realizado por insetos polinizadores influencia diretamente a produtividade agrícola e a conservação da

biodiversidade.

Ao mesmo tempo, estudos e relatórios internacionais apontam a redução das populações de abelhas em diferentes regiões do mundo. Entre os fatores relacionados a esse declínio estão a perda de habitat, a expansão de áreas urbanas e agrícolas sem planejamento ambiental e o uso de pesticidas.

O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) tem alertado para os impactos da diminuição desses



Projeto de educação ambiental tem dez anos

polinizadores sobre os sistemas alimentares e os ecossistemas.

Tecnologia

Além do conteúdo voltado à educação ambiental, a nova edição do livro apresenta recursos tecnológicos e de acessibilidade.

Os exemplares contam com versão em Braille e QR Codes que direcionam o leitor para conteúdos digitais complementares. As animações disponibilizadas por meio desses códigos possuem audiodescrição, permitindo o acesso de pessoas com deficiência visual.

As ações presenciais também foram planejadas para ampliar a participação de diferentes públicos. As apresentações realizadas nas escolas contarão com intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e recursos de audiodescrição.

Por Mayarlane Castro

ACia. Novos Candangos inicia, em junho, a circulação do espetáculo “Minha Grande Pequena” por três regiões administrativas do Distrito Federal.

O projeto “Além do Plano – Minha Grande Pequena”, realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF), levará apresentações gratuitas para Samambaia, Gama e Planaltina entre esta sexta-feira (19 de junho) e o dia 5 de julho.

A programação inclui sessões com recursos de acessibilidade, mediação com o público e oficinas de formação cultural destinadas a mulheres.

O monólogo acompanha a trajetória de uma dona de casa que passa a receber cartas anônimas de conteúdo obsceno.

A partir desse acontecimento, a personagem confronta questões relacionadas à sexualidade, identidade, desejos reprimidos e padrões sociais que atravessam a experiência feminina. A montagem tem duração de 50 minutos e classificação indicativa de 14 anos.

As apresentações começam no Complexo Cultural de Samambaia, nesta sábado e sábado (20), às 20h, e no domingo (21), às 19h.

Em seguida, o espetáculo será encenado na sede da Cia. Lábios de Lua, no Gama, nos dias 26 e 27 de junho, às 20h, e em 28 de junho, às 19h. A circulação será

Reflexões a partir de cartas íntimas

Monólogo discute sexualidade e desejos reprimidos



Bruna Braz

A partir de cartas anônimas de cunho obsceno, personagem discute sexualidade

encerrada em Planaltina, no Mini Teatro Lieta de Ló, com sessões nos dias 3 e 4 de julho, às 20h, e em 5 de julho, às 19h.

Acesso

A iniciativa busca ampliar o acesso a produções teatrais fora da região central de Brasília, promovendo atividades culturais em diferentes territórios do Distrito Federal. Além das apresentações, o projeto prevê ações de formação voltadas à qualificação de mulheres interessadas em atuar no setor cultural.

Em cada uma das regiões contempladas será realizada a oficina “Acende a Luz – Empreendedorismo e Projetos Culturais para Mulheres”, conduzida pela atriz, diretora e gestora cultural Alana Ferrigno. A atividade abordará temas relacionados à elaboração de projetos, captação de recursos e desenvolvimento de iniciativas culturais. A participação é gratuita e as inscrições são disponibilizadas pela companhia por meio de suas redes sociais.

Diálogos

O espetáculo foi concebido a partir de referências literárias presentes na obra de escritoras e escritores brasileiros. A dramaturgia dialoga com textos de Hilda Hilst, Clarice Lispector e Ignácio de Loyola Brandão, incorporando elementos que exploram o universo interior da personagem e as tensões entre vida privada e expectativas sociais.

Na trama, a protagonista leva uma rotina doméstica considerada estável até o surgimento das cartas anônimas.

Público acompanha as transformações

Desejos e conflitos se desenvolvem ao longo da peça

O conteúdo das correspondências desencadeia uma série de reflexões sobre a própria existência da personagem, levando-a a revisitar memórias, desejos e conflitos pessoais.

A narrativa se desenvolve a partir da perspectiva da personagem, permitindo ao público acompanhar as transformações provocadas por esse processo.

Segundo a companhia, a proposta da montagem é trazer para o palco discussões relacionadas à condição feminina e à invisibilidade de experiências frequentemente vividas de forma silenciosa. O espetáculo utiliza a linguagem do teatro para abordar temas ligados à liberdade individual, ao corpo e às relações sociais.

Premiações

Desde sua estreia, “Minha Grande Pequena” tem acumulado participações em festivais e mostras teatrais. Em 2024, a produção conquistou quatro premiações no 8º Festival Nacional de Teatro de Mariana (Festeco), em Minas Gerais. O espetáculo recebeu os troféus de Melhor Direção, Melhor Atriz, Melhor Trilha Sonora e Melhor Caracterização Cênica.

No ano seguinte, a montagem obteve o primeiro lugar na categoria Espetáculo Solo do Prêmio Web de Teatro do Distrito Federal. Também integrou circuitos de circulação em diferentes cidades brasileiras, com apresentações em João Pessoa, na Paraíba; Belo Horizonte, em Minas Gerais; e Curitiba, no Paraná.

A circulação de 2026 marca Clara Camarano interpreta o monólogo



Bruna Braz

o retorno da obra ao Distrito Federal após a passagem por outros estados. A companhia destaca que a proposta é fortalecer o contato com o público local e ampliar o alcance das ações de formação e difusão cultural previstas no projeto.

A programação também contempla medidas de acessibilidade em todas as sessões. As apresentações contarão com tradução em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e audiodescrição, permitindo que pessoas com deficiência auditiva e visual acompanhem o espetáculo. As iniciativas seguem diretrizes voltadas à ampliação do acesso à produção cultural.

Após cada sessão, o público poderá participar de uma atividade de mediação conduzida por Tati Ramos, atriz, psicóloga, escritora e cofundadora da Cia. Novos Candangos. O encontro pretende criar um espaço de diálogo sobre os temas abordados pela montagem e sobre as percepções despertadas pela experiência teatral.